

Juros altos anulam superávit

por Célia de Gouvêa Franco
de Brasília

A "pálida tendência" de recuperação da economia brasileira poderá ser negativamente afetada pela elevação dos juros internacionais. Apenas o recente aumento das taxas, verificado nas últimas semanas, já consumiu o superávit comercial de um mês, pelos cálculos do presidente do Banco do Brasil, Oswaldo Colin, que não acredita, contudo, em uma firme tendência de elevação dos juros. Os próprios bancos norte-americanos, justificou, entendem que haveria, nesta hipótese, um perigoso agravamento da sua própria situação, com o aumento do grau de risco.

Por enquanto, os indícios de retomada do ritmo de atividades da economia são, na avaliação de Colin, bastante tênues. O desemprego diminuiu, mas apenas ligeiramente. O consumo de energia elétrica e a demanda por produtos básicos apresentaram, de fato, um aumento, mas também pouco significativo ainda. Esse panorama poderá

ser afetado pelo crescimento da conta de juros devida ao exterior. Por isso mesmo, Colin acredita que a próxima fase de renegociação da dívida externa brasileira será mais ampla que as anteriores e abrangerá também a questão dos juros.

O próprio momento de reinício dos entendimentos com os credores externos, em princípio previsto para o segundo semestre, poderia ser antecipado no caso da confirmação de uma tendência de alta dos juros. Não apenas o Brasil poderia apressar as negociações, mas todos os países com pesadas dívidas.

Colin também lembrou que o recente empréstimo concedido à Argentina por quatro países latino-americanos — Brasil, México, Venezuela e Colômbia — poderá não ser repetido se houver necessidade por parte de qualquer nação no caso de os juros se elevarem em demasia e a situação do continente piorar, como um todo. Os países eventualmente solicitados a conceder empréstimos a um vizinho poderão não ter como ajudá-lo, sufocados pelo peso da conta de juros.